

PARA ESCREVER SOBRE A VIDA, PRIMEIRO VOCÊ DEVE VIVÊ-LA¹

Isabela Camini²

Resumo:

Esse texto quer nos lembrar a importância de dar visibilidade às histórias de vida, de formação acadêmica, humana e militante inspiradas na vida e obra do Educador do Povo - Patrono da Educação Brasileira. A reflexão aqui se refere a uma vida longa, vivida com intensidade, determinação e gratidão por viver esse tempo histórico, de enfrentamento das contradições próprias deste tempo, e agravadas ainda mais pelo momento atual de retrocessos e negação de direitos. As obras deste educador não só me inspiraram a estudar, trabalhar pela formação humana e pedagógica dos educadores, mas me ensinaram a ter coragem de escrever Cartas Pedagógicas, com rigor e respeito aos interlocutores. Sem dúvida a celebração do centenário do seu nascimento, entrecruzado com a pandemia, foi um período fértil de reflexão e produção de conhecimento sistematizado. Escavar a própria memória, antes que ela nos venha trair pelo esquecimento, foi uma oportunidade singular de reconhecer as lições e aprendizados construídos na companhia do Educador que cruzou fronteiras para encontrar os oprimidos. Reconstruir esse aprendizado e escrevê-lo com lucidez pedagógica, para torná-lo público, é um desafio. Quem sabe inspire outros e outras a fazer algo semelhante. O texto se pretende um diálogo com as experiências de vida das leitoras e leitores.

Palavras-chave: Paulo Freire. Humanidade. Memórias e coragem.

Primeiras palavras

Em verdade, a gente escreve para as pessoas com cuja sorte ou má sorte se sente edificado: os que comem mal, os que dormem pouco, os rebeldes e humilhados desta terra: que em geral nem sabem ler (Eduardo Galeano. Em defesa da palavra).

¹Hemingway, sem data.

² Doutora em Educação pela UFRGS. Do Setor de Educação do MST. Autora: *Escola Itinerante* – na fronteira de uma nova escola. São Paulo, Expressão Popular, 2009; e, *Cartas Pedagógicas* – aprendizados que se entrecruzam e se comunicam. São Paulo, Outras Expressões, 2012. Contato:isacamini@yahoo.com.br

O compromisso de falar da relação com Paulo Freire me inquietava, insistentemente: *Escreva, Isabel, o que você já viveu e aprendeu desta relação. Não precisas inventar nada porque já tens vivido essa experiência. Mesmo que não tenha registrado como deverias ter feito, faça esse esforço memorial. Escave os registros guardados nos baús de sua ainda lúcida memória.* Essa voz não abandonava minha mente. Ela me inquietava todos os dias. E, parou de me inquietar assim que tomei a pena na mão.

Há tempo aprendi a lição: *não se pode escrever nada com indiferença* e fazer muitas coisas ao mesmo tempo da escrita. Escrita não combina com distração e preocupação. É preciso dar-se o tempo, na calma e sossego, inteiramente interessada. Por isso, essa escrita terá sentido para mim, sem a pretensão de que venha interessar a alguém. Na melhor das hipóteses, servirá de pista para quem a encontrar, escrever as marcas deixadas por Paulo Freire em sua vida.

Aproveitando o intenso frio de 2021, será um exercício fabuloso escavar a própria memória e organizá-la, percebendo as marcas de cada passo trilhado na companhia do mestre da humanidade. Será sim um desafio revisitar o passado, e trazê-lo ao agora. É sabido que em nós se encontram acumulados sabedoria e conhecimento do mais profundo de nosso passado. Presentificar o que se viveu não é um exercício fácil, a fazer-se magicamente. Mas é bom tentar, se não escrever agora, pode ser que se passe um risco sobre essa história, e poucos saberão que Paulo Freire significou tanto minha formação humana, militante e acadêmica. Pensando assim, o desejo de escrever atravessa a minha alma, assim como a dor atravessa os corpos das famílias enlutadas pela pandemia da Covid-19. Obviamente, o que será escrito nestas linhas é um pedacinho de mim. Recolhendo pedaços, uns maiores e outros miúdos. Recolho o que ficou.

Nesta escrita testemunhal, escolhi tratar o *mestre* de forma cordial, sincera e amiga: *Paulo - Educador do povo*. Este tem sido o tratamento mais ouvido no decorrer das comemorações do centenário do seu nascimento em várias partes do mundo. Espero que compreenda o verdadeiro sentimento e sensibilidade que emerge deste batismo. É notório que o Brasil e o mundo o reconhecem como Educador do povo, por sua amorosidade e sensatez na escuta interessada dos oprimidos, extraindo deles a força pedagógica de sua alma, sedenta de liberdade, ainda aprisionados pelas amarras da opressão, que lhes parecia serem destinados a carregar por toda a vida. Ninguém tem mais consciência da opressão do que aqueles/as cuja opressão lhes

pesa sobre os ombros. Contudo, sofrem ainda mais aqueles, cuja consciência da opressão não está ao seu alcance, carregando sobre seus ombros um pesadelo insuportável e desumanizador.

Ainda que venha ser laborioso e provocar nostalgia, sinto-me impelida a escrever com esmero, cuidado e alegria, qualidades necessárias a quem pretende se comunicar com um ser especial que alcançou um grau superior de humanidade, andarilhando, ouvindo e escrevendo. Por isso seus escritos atravessam fronteiras e captam a atenção de milhares de estudiosos e oprimidos, com quem dialoga e os tem como inspiradores. Estas obras nos tiram da zona de conforto e interrogam nossas práticas sociais. Não por acaso me dedico a reconstruir essa memória neste momento em que a celebração de seu centenário nos orienta a cuidar do outro, cultivando a solidariedade como o mais belo gesto de amor em defesa da vida. E só faremos isso, se a vida do outro nos importa e por ele temos compaixão.

Para este escrito busco ancorar-me na força e auxílio da memória, pois há falta de registros que compõem esta trajetória. Intenciono ser precisa e fiel ao que memória me revelar, pois sem vasculhar os baús onde os fatos estão guardados com mais ou menos nitidez, narrativa alguma será possível. A paciência e as vezes o silêncio serão meus guias para costurar os fatos mais marcantes de uma relação que se estabeleceu, por acaso, em um tempo em que minha curiosidade era pouco aguçada, porque lia pouco e por isso não sabia formular perguntas como as faço hoje. Esse primeiro contato tomou a direção correta, à medida que a caminhada da vida me colocou em espaços educativos onde se fazia necessário insistir e ter coragem para provocar as mudanças necessários, coletivamente. Reconstruir essa relação com a profundidade de seu pensamento e lucidez pedagógica é um desafio. Tentarei!

O momento em que escrevo

Ainda que aumente a nossa dor, indignação e tristeza, é preciso lembrar que neste momento em que alinhavo estas linhas, somamos mais de 600 mil óbitos por Covid-19 em nosso país. Lentamente a vacina alcança o braço da população, mas o vírus não foi controlado ainda. A exemplo de Paulo a solidariedade fará a diferença neste momento sombrio. Com sua força, trilharemos o nosso caminho, afastando os empecilhos e opressões que tentam abortar nossa liberdade e autonomia.

A pandemia que alcançou o mundo veio sugerir recolhimento produtivo, reflexão, e sobretudo nos mostrar como o capitalismo é contra a humanidade e contra a vida. Somos chamados a ações de solidariedade, a construir uma *pedagogia do povo cuidando do povo*. Em seu legado encontramos pistas exemplares de gestos de solidariedade construídos nos diferentes países onde viveu, especialmente com o povo africano. Abraçou sempre os mais humildes e oprimidos, ouvindo sua palavra. Escreveu muitas obras, tomando-os como legítimos interlocutores, portadores de uma pedagogia própria, guardada na alma até o momento em que encontraram Paulo Freire, e com ele sua alma transbordou de esperança, encorajados pela ação e comunhão.

É, pois neste cenário ainda nebuloso que me coloco diante dessa tarefa de sistematizar as lições e aprendizados, encarnados na vida por ter alcançado as obras de Freire, como inspiração para ser educadora, pesquisadora e militante. Sem esta formação eu não teria me sustentado na luta pela educação humana e emancipatória há 31 anos caminhando ao lado dos camponeses, forjando a conquista da escola próxima da vida, conectada com o Projeto de Reforma Agrária Popular que continua em pauta. Caminhei ao lado deste povo em luta, aprendendo de sua pedagogia que nunca devemos caminhar à frente do povo, porque o pó de nossas sandálias pode ofuscar a sua visão. Caminhar ao seu lado é uma questão de respeito, de estar junto, de escuta. A palavra *escuta* é recorrente nas obras de Freire e também o princípio que mais exercitou em sua vida: *escutar o povo*. Suspeito ter sido o exercício da *escuta*, o mais forte valor que o fortaleceu e inspirou suas obras, presentificando-o até os dias de hoje. Um exemplo é o que responde à uma pergunta que lhes fazem os jovens estudantes de Pelotas em 1991: “Como nós, estudantes, podemos ajudar na alfabetização dos Sem Terra”? Paulo ouviu e respondeu: “*A primeira coisa é ir lá e se alfabetizar no alfabeto deles. Eles têm um alfabeto próprio. Não vão lá levar o que vocês sabem. Vão lá compreender e aprender o que eles sabem*”. Sem dúvida, essa é a prova mais contundente de que Freire aprendeu a vida inteira, mais ouvindo do que falando, atento ao movimento dos lábios daqueles sujeitos que pronunciavam a palavra.

Para que entendam minha intencionalidade pedagógica, não escreverei a *punho e com pena*, imitando o predileto estilo de escrever de Paulo. Hoje temos acesso a uma tecnologia eficiente, nos permitindo escrever com rapidez, ao mesmo tempo manter a correção ortográfica, aperfeiçoar o conteúdo, forma e estética desejada.

Estou aqui em frente a um computador, com internet e boa luminosidade. Lá fora o frio está intenso, mas meu canto de escrever é presenteado pelo brilho e calor do sol. Só lamento ter o privilégio de morar e disponibilizar de internet em detrimento de milhões de excluídos que não têm casa e muito menos acesso à tecnologia neste país, que ficou mais desigual desde sua partida em 02 de maio de 1997. É de doer na alma o nível de exclusão das crianças e adolescentes das classes populares, sem acesso a nenhuma tecnologia em tempos de aulas remotas. A pandemia veio escancarar essas brutais desigualdades que alcançam a alma das infâncias e adolescências ameaçadas, vendo a morte como uma rotina, como ocorreu com os três meninos machucados e assassinados porque tomaram para si uma gaiola de passarinhos no Rio de Janeiro. Falo isso sem desejar entristecer a nenhuma mulher ou homem que porventura encontrarem esse escrito, e perguntarem: o que fazer quando 50 mil crianças e adolescentes retornarem as aulas presenciais órfãs de pai, mãe, ou dos dois, seus únicos protetores? O que fazer com a dor e o luto do educador/a?

Para que entendam como conheci o autor da Pedagogia do Oprimido e da Esperança, e para que me conheçam melhor aqueles que lerão estas linhas, também vivenciei o tempo em que se escrevia a mão, com lápis de cor preta, e com uma borracha em sua ponta. Apagava-se várias vezes, até conseguir alcançar a caligrafia desejada pela professora, insistente que se escrevesse com letra legível e bonita. Ela tinha toda a razão. O uso da borracha era uma forma de economizar as folhas dos poucos cadernos escolares de que nossa condição familiar dispunha à época. Canetas, haviam poucas, e nem sempre tínhamos acesso por serem de valor maior. Canetas coloridas, vermelhas, verdes, azuis, lilás, era um sonho acalentado, tomando-as nas mãos, bem mais tarde e com a orientação de economizá-las. Depois veio a barulhenta máquina de datilografia. Eram poucas pessoas que podiam adquiri-la. A medida de seu uso, a fita se desgastava, exigindo troca imediata para não interromper a escrita antes feita no papel e depois datilografada.

Em conversas com Ana Maria Freire, descobri que Paulo, mesmo admirando os avanços da tecnologia, se manteve fiel ao hábito de escrever deslizando seus dedos sobre os blocos de papel que costuma levar consigo em suas andarilhagens, a fim de não perder nenhum sopro e ideia que viria dos oprimidos com quem se encontrava e eram seus prediletos interlocutores. Veja como vasculhei para conhecê-

lo, entendê-lo e recriá-lo em minhas práticas sociais dedicadas à educação e formação na luta pela terra.

Hoje tenho dificuldades de entender como escreveu tantas obras, cujo alcance não temos como mensurar. Sabemos que ensaiava a escrita delas primeiramente falando do que iria escrever e com um empurrão da Elza e dos filhos, dedicava-se inteiramente a elas. Suas mãos foram treinadas a acompanhar o seu pensamento reflexivo que *brotava do momento da escrita, não era apenas científica, trazia a emoção e a afetividade do contexto que gerou o texto*. Graças a esta dedicação e amorosidade para com as novas gerações, entre elas estou eu, podemos neste 2021 celebrar seu centenário, lendo seus livros, orgulhosos de sua agradável e inspiradora companhia. Nunca passou pela nossa cabeça de que seu centenário teria que ser celebrado nos mantendo distantes uns dos outros, nos falando pelas telas dos computadores e celulares, porque convivendo com uma pandemia sem misericórdia, assustadora. São nestas condições que buscamos entender qual é o nosso papel na luta pela vida, pela emancipação, pela autonomia, pela liberdade e beleza.

Pois bem, ao tomar a decisão de sistematizar essa experiência de vida, tenho a nítida impressão de que preciso de tempo para visitar minha memória, interrogá-la e escutá-la com a devida paciência. Ela se mostrará à medida que vou lhe perguntar *quando, onde e de que forma* o educador do povo se estabeleceu em minha vida até hoje. É um propósito bem ousado, mas valerá a pena reconstruir esse caminho, por se tratar de uma narrativa sobre a relação dialógica estabelecida com o mestre da humanidade. Para ser didática, seguirei a memória cronológica.

Vamos aos fatos

Ao final da década de 1970 foi a primeira vez que ouvi pronunciar seu nome: Paulo Freire. Minha irmã estudava Pedagogia na Unijuí, em plena ditadura. (Ver frei Téo). Sua busca por algum escrito desejando conhecê-lo e poder apresentá-lo como exigência na disciplina de Sociologia da Educação chamou a minha atenção. Aquele nome ficou gravado em mim, sem ter tido acesso a algum de seus escritos. Entre 1982 a 1985 vivi um tempo em Beruri, à beira do Rio Purus/Amazonas. Junto com o povo ribeirinho lutei por escola de ensino fundamental, constituindo um coletivo de educadores que buscava formação pedagógica, pois o Ensino Médio era a maior escolaridade alcançada por alguns deles. De imediato, o nome Paulo Freire saltou à

minha mente. Ele poderia nos ajudar. Dom Gutemberg Freire Regis, bispo da Prelazia, filho das águas e florestas, consciente e integrado naquela realidade, me ajudou encontrar as obras *Pedagogia do Oprimido* e *Conscientização*, em Manaus. De posse das obras, multiplicamos alguns capítulos e, junto com os professores, lemos e debatemos seus escritos. Buscamos relacionar com a realidade ribeirinha de um mundo onde a escola estava longe geograficamente e de difícil acesso, e quando nela chegavam, nada havia de relação com sua vida. A forma escolar, os conteúdos e a avaliação não dialogavam com seus aprendizados no roçado, na pesca, na caça, no remo das canoas, na cultura e religiosidade popular. O pouco compreendido de suas obras abriu os nossos olhos para a realidade ribeirinha, para o número de pessoas não alfabetizadas encontradas nas visitas pastorais à beira do Rio Purus, desejosos de aprender a ler e escrever para poder valorizar a memória escrita, já que a memória oral pode se perder com o passar dos anos. A escola ali encontrada não dialogava com sua realidade. Essa leitura me deixou intrigada, a ponto de não sair mais de mim o desejo de conhecê-lo melhor.

Quando retornei ao Sul do Brasil, em 1986, e iniciei o Curso de Pedagogia, nos primeiros dias de aula falamos de nossas trajetórias de vida. Então contei as colegas que havia lido Paulo Freire. Logo percebi no seu olhar grande surpresa. E eu fiquei mais surpresa ainda, porque pouco sabiam dele, embora houvessem feito o Curso de Magistério, que no meu entendimento deveriam ter lido alguma obra dele. Em meu íntimo, concluí: a mesma “ditadura” que havia exilado Paulo Freire, havia provocado rachaduras profundas na formação dos novos professores. Os seus professores, neste período, foram velados, proibidos, e sem coragem de se insurgir para apresentar algum livro de Paulo Freire. Eis uma geração formada no silêncio, na prática bancária, na escola longe de vida, proibidos de ensaiar a pedagogia da autonomia. Uma geração de professores cuja visão crítica lhes foi embotada, roubada a consciência e liberdade de dizer a sua palavra e de escolher o livro que desejassem ler. Uma geração negada do acesso a um conhecimento pedagógico crítico e emancipatório.

À época, o pensamento: “Ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, nós nos educamos mutuamente, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1987, p.68), me instigava ao ver-me na condição de vice-diretora de escola particular de ensino fundamental de classe média alta do interior do Estado. Não levou tempo para que o conflito se instalasse, pois percebi que esse pensamento não poderia fazer eco

naquele mundo, em boa medida elitizado, onde os pais tinham receio de que seus filhos abrissem os olhos para a criticidade. Queriam uma escola de qualidade conteudista, aprendendo os bons modos e com notas altas. Seus filhos tinham que ser os melhores para futuramente vencer na vida e alcançar os melhores postos de trabalho no serviço público ou privado: médicos, engenheiros, dentistas, empresários, políticos, entre outras profissões no topo da pirâmide.

A escola escolhida e de alto custo para seu bolso deveria atender os seus objetivos. Naturalmente, neste lugar eu me sentia um tanto deslocada, privada de dizer o que pensava e sentia das lembranças ribeirinhas, nítidas, guardadas no peito. Por isso não via a hora de sair de dentro dela. Ela nunca entraria em mim como entrou a escola no interior do Amazonas. Era bem mais feliz junto aos educadores ribeirinhos e indígenas.

Tropeçando no tentar estudar com os educadores Paulo Freire, percebi que a maioria entendia aquele trabalho como condição de sobrevivência. E que o debate poderia causar-lhes incômodo e desconforto, tirando-lhes o emprego. Ou seja, naquele meio pensar um projeto de educação emancipatória e consciente seria quase inútil. Mesmo assim tentamos ousar, sem resultados. Nesta tentativa entusiasmada e no desejo de mudar o mundo, identifiquei alguns poucos professores com grande apreço pelo educador da Pedagogia do Oprimido. Com eles eu estava confortável e eles comigo.

Insatisfeita com o espaço de trabalho, mas encontrando algum alento nas leituras sugeridas pelo curso de Pedagogia, fomos visitar uma escola de assentamento do MST, cuja pedagogia era encharcada das palavras geradoras. No retorno para o espaço de trabalho, me convenci ainda mais de que seria pouco provável haver algum avanço para a educação problematizadora e emancipatória. Nos percebendo um grupo pequeno, visto como *petista* e com pouco espaço de intervenção e insurgência, tendo que resistir pacientemente a cada confronto, fomos os primeiros a deixarmos aquela escola, buscando outros espaços onde nosso sonho tivesse acolhimento. Lembro bem que nenhum de nós aceitou curvar-se, licenciar-se e morrer calado. A Pedagogia do Oprimido já havia entrado em nós e nos desinstalado o suficiente a ponto de nos mover em outra direção. Meu sentimento era de que em algum lugar encontraríamos menos resistência, ou pelo menos abertura para o diálogo de conhecer melhor o Educador que dialogava com os oprimidos, cada vez mais oprimidos pelo sistema capitalista opressor e excludente. Havia nesta época e nestas

escolas muito medo de que os oprimidos assumissem a sua pedagogia capaz de libertar-se dos opressores. Era mais cômodo manter-se alheios e na zona de conforto. A direção da escola não se via na condição de fazer um processo de formação conscientizadora, pois teria que enfrentar tensões e conflitos cotidianos com as famílias e com sua própria visão de mundo. De certo modo havia uma cumplicidade entre o projeto de escola desejada e as famílias que buscavam formar seus filhos para alçar altos voos e chegar nos pontos mais altos da escala social superior. A escola não sobreviveria economicamente e não saberia enfrentar o conflito e as contradições advindas desta posição. Hoje entendo bem o que isso significou.

Foi preciso cavar outro espaço

Hoje, buscando entender como sua pedagogia interferiu em minha vida, dou-me conta que uma das belas experiências se deu entre 1988 a 1994, quando desafiada a coordenar o Curso de Magistério, também em uma escola privada, católica. Diferente da anterior, ali havia outro clima. A maioria dos estudantes eram filhos de famílias humildes, vinham do meio rural e não aspiravam escala social superior. Poucos, filhos de famílias mais abastadas, tinham sonho de superioridade, mas eram a minoria. Estavam abertos ao diálogo. Os professores eram críticos, dispostos a enfrentar os conflitos provocados pelas mudanças, e Paulo Freire não era estranho ao seu mundo. Seguidamente se ouvia falar dele e na biblioteca havia várias obras suas. Identificado este cenário, percebi que poderia propor, construir, comprar livros, coordenar processos de formação com os educadores e os estudantes. Não duvidei e nem desperdicei a oportunidade, pois o solo era fértil para semear a semente.

Fui conhecer a biblioteca da Escola Normal e levantei as obras de Paulo Freire, e as que faltavam fomos adquirindo. Ali encontrei Pedagogia do Oprimido, Educação como prática da liberdade e Conscientização, obviamente um pouco empoeirados pelo desuso. Curiosamente, adquiria e lia cada obra encontrada em alguma livraria. Medo e Ousadia - o cotidiano do Professor, ocupou-me o tempo significativamente. Em minhas aulas sempre referia ao Educador da liberdade e autonomia. Não demorou tempo, os professores e estudantes aderiram ao estudo de suas obras. Alguns é claro, mostravam-se temerosos com suas ideias, sem coragem de mostrar-se ideologicamente contrários. É preciso lembrar que algumas professoras autoritárias,

adeptas da educação bancária, conteudistas e crentes na avaliação classificatória, perceberam-se ameaçadas e cordialmente buscaram outro caminho.

Naquele ambiente, percebi que poderíamos dar um passo mais ousado. Em 25 de maio de 1991, um grupo de professores e estudantes desta escola fomos ao encontro de Paulo Freire no Assentamento Conquista da Fronteira em Hulha Negra. A experiência de encontrá-lo e fotografar-nos ao seu lado foi algo inédito, um privilégio ao alcance de poucos. Afinal, o desejo de conhecer o educador que questionava a educação bancária e nos instigava a uma educação problematizadora e emancipatória era um sonho acalentado por todos nós, realizado neste dia. É impossível descrever como foi o retorno, as lembranças, a retomada de suas obras, o fervor de nossos debates e a disputa para retirar suas obras da biblioteca. Aquela data foi um verdadeiro divisor de água naquele curso de magistério, entre antes de encontrá-lo e ler suas obras, e depois de tê-lo encontrado e ler suas obras. A partir daquele dia, estudar seus livros passou a ser uma conversa, um diálogo entre educandos e educadores cuja educação crítica e emancipatória era uma questão a ser alcançada. Questionada por alguns pais sobre a visita a um assentamento do MST, para encontrar Paulo Freire, não me incomodou em absolutamente nada. Pelo contrário, a visita me fortaleceu e aprofundou minhas convicções.

Em outro espaço e lugar

Para ser fiel ao tempo histórico, em 1995, quando já integrava o Setor de Educação do MST, começamos a discutir a criação legal da Escola Itinerante nos acampamentos do MST no Rio Grande do Sul. Logo no início da construção da Proposta Pedagógica, Paulo Freire foi citado e assegurado como interlocutor, porque já vinha inspirando as escolas de acampamento da Encruzilhada Natalino e Fazenda Annoni, na década de 1980. Sua pedagogia estava dando corpo e alma a uma forma escolar itinerante, com um ensino e aprendizado que brotava da realidade e suas contradições. Guardávamos a certeza de que esta forma escolar só seria possível com sua ajuda, especialmente na escolha das palavras certas, geradoras de conhecimento que a realidade nos colocava na luta pela terra, nos acampamentos, nas Marchas rumo ao latifúndio. Esta escola foi aprovada pelo Conselho Estadual de Educação do RS em novembro de 1996, tendo sua pedagogia como guia. Não levou muito tempo e muitas Escolas Itinerantes foram batizadas de Paulo Freire.

A notícia de sua partida

Sem saber que Paulo Freire estava doente e hospitalizado, no dia 02 de maio de 1997, eu me encontrava na UFRGS como estudante de Mestrado para uma aula com o seu amigo Balduino Andreola (Baldô). Com lágrimas nos olhos, o estudioso de seu legado nos comunicou que seu coração havia parado de bater. Sobre nós se abateu um sentimento de profunda tristeza. Ficamos sem chão, órfãos, sem palavras. Baldô passou a nos contar várias experiências de encontros com Paulo Freire, destacando sua simpatia, sensibilidade e descontração. Na oportunidade eu contei aos meus colegas que o havia encontrado num assentamento do MST em 1991, e recentemente em 1996 o havia ouvido falar no auditório da Reitoria da UFRGS, quando cansado de tantas perguntas na presença de 1.500 pessoas, Paulo parou de falar e anunciou sua retirada do espaço. Ele estava exausto. Quem sabe foram os primeiros sinais dados pelo seu coração, já cansado de bater no seu peito.

Sua obra *Pedagogia da Autonomia*, escrita em 1996, após a sua morte foi publicada e espalhada pelo mundo. Eu a li em seguida, impressionada com a síntese de seu pensamento, preocupada com a formação docente. Pensei, é um tratado, uma obra testamento, uma espécie de *Pedagogia da Despedida*. Ao escrevê-la, ele pareceu intuir seu último diálogo conosco. Ali com emoção e reflexão ele nos intriga com as mais de 20 vezes que enfatiza a palavra *Ética* nas Primeiras Palavras. Ela me deu a entender que a falta de ética tem avançado e desperdiçado a seriedade e o compromisso com o ser humano. Li esta obra a um fôlego, já com saudades do mestre que cuidou da educação dos oprimidos, que deslizou seus dedos sobre tantos blocos de papéis que costuma levar, que não se cansou de usar a pena, cujo legado temos acesso hoje no seu centenário.

Enquanto construía a minha Dissertação de Mestrado, também acompanhava as Escolas Itinerantes do MST, uma experiência pedagógica singular de 12 anos no RS, e criada também em outros 5 estados da federação. Desde sua gênese, como disse acima, sua pedagogia foi fundamental para concretizar a forma escolar itinerante. A realidade onde se encontravam essas escolas era fértil e fecunda em nos apresentar palavras da realidade, significativas para entendermos o seu contexto. Experiência que resultou num farto e primoroso registro desta experiência, incluindo minha tese de doutorado. Nas condições de itinerância, a escola vive todos os dias encharcada de luta, vendo-se na condição de ter que lutar e construir ao mesmo

tempo. Multiplicada em muitas escolas itinerantes, ela alcançou a pedagogia freiriana, pulsando dentro dela os aprendizados da Pedagogia do Oprimido, da Esperança e da Autonomia. Para a classe trabalhadora a educação tem que ser problematizadora, libertadora, humanizadora, acontecendo lá onde está o povo, em luta. Uma escola sem cercas e muros. Foram experiências concretas que me ajudaram compreender que Pedagogia do Oprimido, a Pedagogia do Movimento e a Pedagogia Socialista tinham muito em comum quando vividas e recriadas na prática concreta. Por isso, juntas, nos ajudam educar, formar e construir sujeitos sociais revolucionários.

Neste período, também como educadora no Instituto de Educação Josué de Castro do MST, junto com os educandos, sua obra Pedagogia do Oprimido fez parte do estudo dos clássicos. Tenho lembranças de ver os educandos do curso de Magistério acordar cedo (06 horas) para o tempo leitura. Sua obra mexeu muito com os estudantes durante a leitura e no dia em que sua obra foi apresentada aos demais estudantes e toda a coletividade da escola. A mim coube buscar os títulos de suas obras, épocas e contexto histórico em que foram escritas. Busca válida, pois foi determinante para os estudantes continuarem lendo e levado adiante o seu legado. Hoje, me reencontro com vários destes estudantes, mesmo que seja pelas janelas dos celulares para celebrarmos seu centenário, e lembramos como nos iniciamos na leitura de seus escritos.

Ao escrever minha tese de doutorado (2006-2009), me propondo a questionar minha própria verdade, ressignifiquei ainda mais seus ensinamentos. Senti pulsar sua presença pedagógica inspiradora nas Escolas Itinerantes do MST. As obras Cartas a Guiné-Bissau e Cartas a Cristina foram inspiradoras para as muitas cartas que as crianças escreveram para o Presidente do Incra, Ministério Público, Presidente Lula e para outras crianças, que sequer imaginavam como poderia existir uma *Escola Itinerante*, tão próxima de suas vidas, que caminhava com elas em tempos de marchas. Escrever cartas para essas crianças era a melhor forma de sistematizar seus aprendizados. E as escreviam coletivamente com os olhos brilhando e cheias de coragem.

Interesse pelas suas Cartas

Carta é conversa com um amigo, é um duo – e é nos duos que está o mínimo de mentira humana (Monteiro Lobato).

Outra marca significativa foi o tempo em que me dediquei a reler suas obras em forma de Cartas e Cartas Pedagógicas. Para entender esse gênero literário busquei a leitura de Cartas Bíblicas, Abelardo e Eloisa, Cartas de Francisco de Assis, Che Guevara, Rosa Luxemburgo, José Saramago, Fernando Pessoa, Frei Betto. Mas para entender porque somente ao final da vida Paulo Freire denomina suas 3 últimas cartas de *pedagógicas*, debrucei-me sobre as obras que tratam diretamente de Pedagogia: do Oprimido, da Esperança, da Autonomia e da Indignação. Confesso que este tempo foi um dos melhores para entender o humano de Paulo e sua mais pura verdade/sinceridade no acolhimento das pessoas e com os temas tratados nestas missivas. A cada carta que lia, crescia minha admiração pelo mestre que usou de suas mãos hábeis em segurar uma caneta para escrever a todos que desejassem se comunicar com ele.

Sua inspiração voltou com força quando nos vimos tomados pela dor da pandemia. Tendo que ficar em casa para evitar a proliferação do vírus, fui tomando vontade de escrever Cartas Pedagógicas que pudessem tratar de questões relevantes, pertinentes, relacionadas com o momento de crise sanitária que vivíamos.

Assim retornei a ler seus últimos escritos denominados de Cartas Pedagógicas, incluindo a última que trata do Assassinato do Índio Gaudino Jesus dos Santos, em Brasília, deixada inacabada sobre sua mesa de estudos no dia em que foi hospitalizado e não retornou mais para concluí-la.

Ela foi um apelo para mim. É um apelo para nós! Essas leituras foram determinantes para a escrita de 7 Cartas da Pandemia entre outros, sobretudo, por entender que as Cartas guardam um sentido de permanência que as diferem de qualquer outro modo de comunicação efêmera, esquecida tão logo apareça nas telas outras informações, esquecidas no mesmo instante.

Também, por solicitação de uma Revista do México e Belo Horizonte³, escrevi uma Carta Testemunhal acerca da experiência da Escola Itinerante do MST, inspirada na Pedagogia do Oprimido e da Esperança. Nela é possível perceber a boniteza e o encantamento das crianças e adolescentes em situação de itinerância, frequentando a escola, próxima da vida, conectada à sua luta.

Em períodos de marchas, educadores e educandos caminhavam próximos, de mãos dadas, identificados com crachás: Escola Itinerante. Portando cadernos e lápis, anotavam as questões pertinentes para posterior conversa e sistematização. Seguramente, com os filhos à sua volta, garantido o aprendizado, os pais lutavam confiantes. Juntos, compartilhavam fios de sossego e apoio em momentos em que a violência do Estado opressor se tornava brutal, a ponto de verter sangue, marcar suas costas ou embaralhar os olhos pelos efeitos do gás lacrimogênio, (ps. 2-3).

Como vemos, a relação é permanente e dinâmica, não se esgota em nenhuma experiência. Pelo contrário, inspira novas relações. Recentemente, a pedido do MST, mergulhei no passado de 30 anos, buscando como se deu os primeiros contatos com Paulo Freire, como ele entrou para inspirar a Pedagogia do Movimento pela Pedagogia do Oprimido, da qual somos herdeiros. Nesta pesquisa descobri e ressignifiquei sua presença em minha vida, especialmente após aquele encontro presencial no assentamento Conquista da Fronteira em Hulha Negra em 1991.

Chamou minha atenção que sua Pedagogia entrou no Movimento pelas portas de uma escola de acampamento, em 1982, por isso Paulo Freire é tão mencionado e estudado nas Escolas Itinerantes e Escolas do Campo. Tanto a pesquisa quanto a elaboração do texto⁴ me fizeram viajar pelo tempo e ressignificar lembranças de fatos que marcaram minha relação estabelecida pela leitura de suas obras, pelas vezes que testemunhei que sua pedagogia era imprescindível para mudar os rumos da educação brasileira. Lembrei-me do acampamento e da Escola de Nova Ronda Alta, onde sua

³ CAMINI, Isabela. **Paulo Freire e a Escola Itinerante do MST**– Revista/Decísio: Vigência del pensamiento de Paulo Freire, Editora Invitada, n. 54 – 55, 2021. E, CAMINI, Isabela **Paulo Freire e a Escola Itinerante do MST** - Revista Brasileira de Educação Básica, Belo Horizonte, número especial Paulo Freire, 2021.

⁴CAMINI, Isabela; STÉDILE, João Pedro. O Encontro de Paulo Freire com o MST. *In*: FREIRE, Ana Maria Araújo. (Org). **Testemunhos da Presença de Paulo Freire – o educador do Brasil – testemunhos e depoimentos**. São Paulo, Paz e Terra, 2021.

equipe veio trabalhar os temas geradores. Dito isso, ressalto que a sua visita ao assentamento de Hulha Negra, que as suas palavras nos encorajaram para que continuássemos alfabetizando. Quantas obras eu li e sugeri que meus educandos lessem. De quantas vezes fui questionada por defendê-lo e me entusiasmar com sua pedagogia. E eu não desanimei. Recordei de sua presença inspiradora junto às brigadas de alfabetização no Projeto *Sim, eu posso*, de Cuba. Lembrei-me que a Pedagogia do Oprimido é inspiradora da Pedagogia do Movimento e junto com a Pedagogia Socialista nós vamos fazendo as mudanças, mesmo que lentas.

Ouvindo pessoas, lendo os registros e ouvindo a fala de Paulo Freire, revisei minha própria história de relação com este educador do povo. Consegui resgatar a memória do quanto ele esteve em nossas vidas, e o quanto nós permanecemos na vida dele.

Atenta a inquietação, retornei à obra Pedagogia da Autonomia e escrevi um texto: Qualidades necessárias ao educador revolucionário. Por diversas vezes socializei minhas novas descobertas desta sua última obra, uma espécie livro - testamento. Preocupado com a falta de ética na educação pública, especialmente, a palavra ética é citada inúmeras vezes, a obra faz uma espécie de apelo para que retomemos a ética necessário ao ato de educador. As palavras *Ensinar Exige* são repetidas entorno de 30 vezes nos capítulos que compõe a obra. Entendi que essa exigência para ser educador foi experimentada na pele por mais de 70 anos.

A pedido de um coletivo de estudantes de uma escola de assentamento do MST, também revisei a obra Pedagogia do Oprimido. Uma obra lida no mundo inteiro, traduzida em 30 idiomas. São 52 anos que não se desatualizam, porque os oprimidos estão aprendendo a liberar o grito sufocado dentro deles. E este grito de liberdade tem incomodo a tantos opressores. Tenho dito que se quisermos entender melhor esta obra, o seu contexto, com quem ele dialogou, quem a inspirou, temos que ler Pedagogia da Esperança. Quero lhes contar algo interessante, que eu ouvi de uma estudante do Ensino Médio acerca desta escola. Tendo lido Pedagogia do Oprimido para conversarmos sobre ela, lhes despertou uma curiosidade: Paulo Freire foi comunista? Outro estudante menor perguntou se Paulo não poderia vir à escola falar para eles. Outra contou que sua avó o encontrou em maio de 1991 no assentamento Conquista da Fronteira. Veja que aquela visita foi determinante na relação estabelecida entre a pedagogia do oprimido e a pedagogia do Movimento.

A Pedagogia do Oprimido retoma atualidade. Por quê? Porque a opressão continua, os oprimidos aumentaram, os processos de opressão não só se repetem, mas se aperfeiçoam em refinamentos. Os oprimidos são decretados criminosos. São exterminados como militantes e até como jovens, adolescentes e crianças. O pensamento de Paulo Freire é atual porque a opressão é atual, (ARROYO, 2019, p. 3⁵).

A propósito do seu centenário, e também para alimentar os debates e estudos sobre o seu legado para realização do Congresso Internacional Freire e Vigotski – educação pública emancipatória, busquei entender a sua atualidade, de modo especial no contexto de pandemia. Ainda que não se esgotem nestas palavras, algumas afirmações propositivas se fazem necessárias.

A atualidade do Educador do Povo dependerá da qualidade de nossas práticas sociais na luta pela emancipação e humanização daqueles/as, cuja opressão não as deixam amanhecer e anoitecer sem lhes doer na alma. O educador do povo se manterá atual se assumirmos uma postura não subalterna e violenta, se estivermos dispostos a marchar para a ocupação de escolas, latifúndios, casas para morar, rodeadas de hortas e jardins. Ele se fará atual quando nos rebelamos e levantamos a cabeça, como seres pensantes, reflexivos e com postura ética; quando vemos as lágrimas correr do rosto do trabalhador desempregado dizendo: “eu tenho fome de pão e de livros” e fazemos alguma coisa para diminuir sua dor e sua fome.

Paulo Freire será atual se alimentarmos a esperança do verbo esperar e nos insurgirmos contra a opressão e desumanização. Permanecerá vivo se formos teimosos na luta pela vida e vacina no braço de todos. Se lutarmos contra a violência que ameaça as infâncias que tem a morte como rotina. Se colocamos em prática a pedagogia do “povo cuidando do povo” com alimentos saudáveis em suas mesas, e todas as crianças livres para estudar e brincar. Seu legado será atual se não deixarmos sua pedagogia ser aprisionada como fizeram os opressores em 1964. Se formos capazes de libertar o opressor porque não há mais oprimidos subjugados por ele.

Sobre seus livros, folheei a todos. Li a maioria, estudei alguns. E fui desmedida a confiá-los há muitas pessoas. Desde então, contei com seu preciso legado

⁵ ARROYO, Miguel. Paulo Freire: Outro Paradigma Pedagógico? **Educação em Revista** – Belo Horizonte – Dossiê – Paulo Freire: O legado Global. V. 35/2019.

humanizador em minha formação. Ele me convence, me empurra para frente e não me deixa esmorecer. Só assim entendi que nossa identidade carrega as marcas do que lemos, e que a força interior é tudo que dá sentido a luta da vida.

Gratidão a ti, Paulo Freire.

Referências:

ARROYO, Miguel. Paulo Freire: Outro Paradigma Pedagógico? **Educação em Revista** – Belo Horizonte – Dossiê – Paulo Freire: O legado Global. V. 35/2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

CAMINI, Isabela. Paulo Freire e a Escola Itinerante do MST – **Revista/Decisão: Vigência del pensamiento de Paulo Freire**, Editora Invitada, n. 54 – 55, 2021.

CAMINI, Isabela Paulo Freire e a Escola Itinerante do MST - **Revista Brasileira de Educação Básica**, Belo Horizonte, número especial Paulo Freire, 2021.

CAMINI, Isabela; STÉDILE, João Pedro. O Encontro de Paulo Freire com o MST. *In*: FREIRE, Ana Maria Araújo. (Org). **Testemunhos da Presença de Paulo Freire** – o educador do Brasil – testemunhos e depoimentos. São Paulo, Paz e Terra, 2021, p.201-236.